

Os Braços da Lancha

por José Peixoto



A lancha poveira do alto traz o mar na memória. São 20 anos temperados de sal e doce convívio entre os tripulantes que vestem ou vestiram a pele de lobos-do-mar. Nascido na Póvoa de Varzim em 1971, **Francisco Franco** é mecânico de automóveis, desde os 14 anos de idade, e tornou-se tripulante da lancha a convite de um amigo.

Todas as viagens na lancha deixam histórias para contar como diz **Francisco Franco**: “tive um baptismo que não esqueço. Fomos a Combarro, éramos 13 pessoas a bordo. Quando saímos o mar estava muito encrespado. A lancha voava e caía com estrondo na vaga seguinte. Era assustador e quase toda a gente enjoou. Muitas horas depois fundeamos nas Ilhas Cies. Foi a bonança. Minutos depois estava-mos a assar e a comer bacalhau como se nada tivesse passado”.

A viagem a Cambados também deixou memória: “navegamos a motor, à vela, a remos e a reboque. Essa viagem de reboque foi de uma violência rara, levamos pancada desde La Guardia até à entrada da Ria de Arousa”, concluiu o tripulante.

Sempre que era preciso **Francisco Franco** desempenhava o papel de mecânico: “infelizmente raras vezes serviu, as avarias não tinham solução no mar. Na viagem para Cambados o motor bloqueou e a lancha ficou três meses na Galiza até ser reparado. Quando fomos a Ferrol a hélice desapareceu junto ao Cabo Finisterra.

No porto de mar encontramos um mecânico que gostava da pinga e antes de pôr a lancha a

seco, mandou encostar numa zona de pedra. A maré desceu e a lancha rachou com o peso. Foi preciso calafetá-la. O Carlos foi à procura de hélices e trouxe seis que não serviram. Acabou por ser o Abraão, que tinha ficado na Póvoa, a levar a hélice e o braço do motor antigo”.

A Voz da Póvoa (30 Novembro 2011), p. 15.

[URL ->](#) | [PDF ->](#)